Ano XXI — Junho de 1965 — N.º 242

SEMPRE PRONTO

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 — Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Para além dos prejuízos de toda a ordem a que deu origem, a última guerra mundial cavou também fundas inimizades entre nações, parecendo que algumas delas ficariam para sempre irredutìvelmente adversas. A Inglaterra e a Alemanha estariam entre aquelas que mais razões tinham para marcar uma separação e incompatibilidade definitivas. Foi por isso que causou muita surpresa a visita que a soberana britânica acaba de fazer à Alemanha, onde foi recebida com inequívocas manifestações de simpatia, reatando assim de maneira mais íntima as relações entre os dois países. Reveste-se do maior significado o gesto da Rainha de Inglaterra, embora seja lícito supor que as atitudes ùltimamente assumidas pela França em relação à sua velha aliada estejam na origem desta aproximação. Seja qual for o motivo desse gesto, importa assinalar que as nações não podem viver indefinidamente de costas voltadas quando os interesses dos povos e a causa da paz exigem que governantes se entendam e busquem a colaboração indispensável para resolver diferendos e problemas que contìnuamente surgem na vida internacional.

Há sobretudo na visita da soberana inglesa uma feliz atitude que importa destacar. Ao longo da sua viagem, a Rainha procurou a todo o instante salientar factos históricos e afinidades étnicas que os diferentes locais faziam recordar e poderiam servir de estímulo à aproximação dos dois povos e identificar as duas nações, ignorando deliberadamente agravos e ressentimentos de cuja evocação nada de útil e construtivo resultaria.

Neste procedimento tão sensato encontramos um autêntico programa de acção para todas as relações internacionais, exactamente aquele mesmo programa que o Escotismo tem seguido nos inúmeros encontros que tem promovido entre gente nova de tantas latitudes.

Nestas colunas, sempre temos pugnado pela intensificação das relações entre os povos, contactos estreitos entre gente de todos os escalões sociais, com vista a que homens de diferentes nacionalidades e raças se conheçam e possam assim criar laços de amizade. Não se trata de pretender que todos pensem da mesma maneira, tenham as mesmas convicções ou vejam pelo mesmo prisma os problemas, mas antes sejam capazes de distinguir, compreender e aceitar as diferenças e, por cima delas e apesar delas, manter sentimentos de fraternidade.

Quer isto dizer que as relações e contactos internacionais não valem só por si, mas pelo espírito que as orienta. Para que sejam úteis à causa da paz e boa vontade entre os homens precisam de ser conduzidas a um nível de dignidade de que possam resultar benefícios. O turismo, por exemplo, é alavanca poderosíssima para o conhecimento dos povos. Convém, no entanto, acentuar que o turismo só servirá a causa do bom entendimento se a recepção dispensada aos visitantes for de molde a conquistar simpatias e proporcionar a descoberta das virtudes do povo visitado. Mais uma vez, nós, esco-

SEGUE NA PÁGINA 5

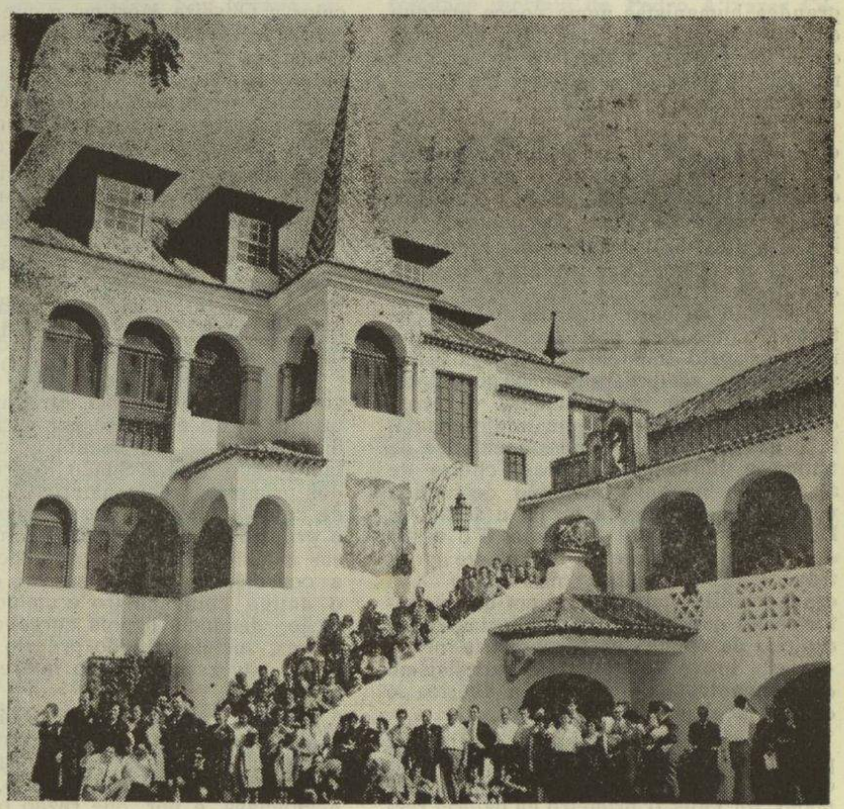
10 de Junho

Mais uma vez, o Dia de Camões foi comemorado como a data mais significativa da história da nossa Pátria.

«Os Lusíadas» são, efectivamente, o bronze onde ficaram indelèvelmente gravados os feitos desses bravos que, no amor à aventura e no desprezo pelo perigo, lograram realizar a sua genuína vocação de intemporalidade.

O poema do Épico é assim como que a inspiração de um Povo que quer vencer as próprias limitações e projectar-se no futuro, engrandecendo-se e engradecendo a própria Humanidade.

A excursão de "Sempre Pronto"



Os excursionistas que tomaram parte no passeio promovido, em 16 de Maio, por «Sempre Pronto», na Casa-Museu dos Patudos, em Alpiarça

Discurso do Prof. Álvaro Dória

sobre a personalidade de Damião de Góis

«Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estão V. Ex.as enfim diante do túmulo de Damião de Góis. E se recordarmos que este homem encheu o seu tempo, que viveu plenamente, prelibando da vida todas as doçuras que humanamente é possível prelibar antes de sofrer as dores mais cruciantes, reverso doloroso da medalha da vida; se lembrarmos que este homem gozou da amizade de alguns dos homens mais eminentes desse extraordinário século XVI, desde os heresiarcas Martinho Lutero e Filipe Melanchton, que então lutavam em defesa dos direitos duma liberdade religiosa que a Meia Idade desconheceu, até ao próprio Inácio de Loiola e aos cardiais Sadoleto e Bembo, humanistas e sibaritas da corte pontifícia dos Médicis; desde os humanistas Nicolau Clenardo, Polites e Luís de Vives até ao maior de todos, Desidério Erasmo, que a tradição quer que tenha morrido nos braços do nosso compatriota; se evocarmos tudo isto e o papel preponderante que teve comandando a defesa de Lovaina cercada pelos soldados de Francisco I de França, temos de reconhecer que bem modesta é a última jazida de Damião de Góis.

Dos grandes homens, Senhoras e Senhores, importa sobretudo a sua lição moral, que uns recolheram de viva voz e nós apenas das suas obras. Mas creio que, sem cair nessa quase idolatria que tantas vezes faz dos túmulos dos passados, lugares de veneração pelo corpo, esquecidos frequentemente do que em vida os homens disseram, nós poderemos, sem quebra de dignidade, reclamar para os homens ilustres, de quem a Pátria seja verdadeiramente devedora, um panteão, em que repousem os portugueses que, de qualquer maneira, deixaram no tempo rasto inapagável e luminoso.

E' o caso de Damião de Góis, que a Europa quinhentista admirou através das obras que ele escreveu no latim da época e o consagraram como um dos grandes humanistas numa época em que o humanismo consubstanciava as ideias do homem que se libertara da servidão mental do passado e buscava um futuro de fraternidade e de beleza.

Foi Góis quem levou a essa Europa conturbada, que já se debatia nas vascas das dores de que brotariam as cruentas e brutais guerras religiosas, o conhecimento dos feitos dos Portugueses na Índia, e através das numerosas reedições dessas obras podemos avaliar o interesse que despertaram.

Criado na corte sibarita do Rei Venturoso, como seu pajem, não se deixou inquinar pelo ambiente de intriga e falsidade que sempre rodeou os príncipes. Algures, já em idade madura e recordando talvez a longínqua adolescência, fala dessas cortes «emparamentadas de tantas e tão falsas figuras, cheias de atraiçoada peçonha, debaixo de fingida virtude, como sempre foram e serão, se Deus não renovar o mundo e o vestir de outra libré diferente da que até agora trouxe». Tais opiniões no século XVI eram insólitas por traduzirem um inconformismo que se não compadecia com o espírito da época: em Trento iria forjar-se em breve esse estreito catolicismo que encontrou na Península Ibérica o campo ideal para se expandir.

De sãs ideias éticas, observador perspicaz, tolerante com os homens por conhecer profundamente o espírito humano, foi Góis o primeiro da galeria restrita de portugueses europeus, verdadeiro precursor de um D. Francisco Manuel de Melo, de um Luís António Verney, de um Duque de Lafões, de um D. Luís da Cunha, de um Alexandre de Gusmão, de todos quantos a quem mais tarde chamaram depreciativamente «estrangeirados», exactamente por não pactuarem com a estreiteza de vistas de governantes e governados. Casado para mais com Joana van Hargen, flamenga de nascimento, a convivência com esses homens loiros e calmos do Norte deve ter servido de antídoto à proverbial impetuosidade e irreflexão meridionais, acabando por lhe dar esse ar de tranquila segurança tão bem traduzido nesse admirável retrato que o seu amigo Alberto Dürer desenhou.

Assim se explica que, quando cometeu a imprudência de voltar à Pátria a convite do rei, aqui passassem a conhecê-lo pelo «fidalgo flamengo», pois, como escreveu um dos seus melhores biógrafos, «adquirira os hábitos sociais do norte da Europa, que contrastavam com a sobriedade de Portugal». Daí a atmosfera de suspicácia que se criou à sua volta e o fez suspeito de heresia, num país em que já se queimavam em nome de Cristo aqueles que teimavam em amar mais a Cristo do que à Igreja...

Quando aceitou, também imprudentemente, o convite do Cardeal D. Henrique para escrever a crónica do pai, o rei D. Manuel, entrava Góis, sem o saber, num caminho perigoso, de que só haveria de sair pelo da morte. Era costume do tempo encontrarem os cronistas reais explicação, justificação ou desculpa para todas as acções dos seus biografados, com louvores calorosos para os actos dos seus homens de guerra, por muito desumanos que uns e outros fossem. Não criara raízes a lição de Fernão Lopes.

Góis, porém, entendeu ser dever do historiador analisar homens e factos criticamente, antecipando-se de três séculos a Oliveira Martins, o que pela primeira vez procurou dar uma visão crítica global da história portuguesa. O resultado viu-se logo que a obra se publicou, perante os ataques daqueles cujos pais e avós foram olhados pelo cronista com olhos humanos, sem o fácil recurso às louvaminhas retóricas. A polémica que se seguiu à publicação da crónica em 1566 azedou mais os espíritos já suspeitosos de Damião de Góis, que talvez reconhecesse então o erro que praticara abandonando o seu tranquilo lar flamengo, para vir encerrar-se numa cidade iluminada a cada passo pelo clarão sinistro das fogueiras dos autos-de-fé.

Cinco anos passados, ei-lo a braços com o nefando tribunal introduzido trinta anos antes e que só por escárneo podia chamar-se do «Santo Ofício». Esse famigerado Padre Simão Rodrigues, um dos primeiros companheiros de Loiola e de cujas calúnias já nesse tempo remoto o próprio fundador da Companhia de Jesus já defendera Góis, para «desobrigar» a consciência tenebrosa vai denunciar o antigo companheiro e amigo à Inquisição, denúncia depois corroborada por outras, incluindo a do próprio genro de Góis, talvez por cúpido interesse material.

Sofreu o velho escritor o cárcere durante nove longos meses, conforme era de uso: os presos jamais sabiam, ou muito tarde vinham a sabê-lo, quem os denunciava e por que razão os conservavam no segredo das celas infectas, organizando-se o processo segundo o bel-prazer dos inquisidores. Interrogado, finalmente, talvez já alquebrado pela doença que começava a miná-lo, Góis fez uma confissão total dos erros passados, dizendo-se fiel católico e cumpridor desses preceitos formalistas que então (e ainda hoje!...) se consideravam a pedra de toque da piedade dum bom cristão. Do cárcere, envia aos inquisidores quatro memoriais, que são o espelho da sua alma. Esse homem de 70 anos pede aos carcereiros que o despachem por estar preso havia longo tempo: «quase não tenho já força para me poder suster sobre as pernas, e tão cheio de usagre e sarna por todo o corpo que falta pouco para me julgarem leproso», escreve logo de início do 1.º memorial. Já então sabia quem o acusara e de que o acusavam, pelo que procura defender-se com lógica como se alguma vez a lógica pudesse abrigar-se dentro do terrível palácio dos Estaus...

Valeria a pena, se não fossem tão longas, ler essas páginas lancinantes e também serenas, Senhoras e Senhores, que são os memoriais desse velho que a Europa admirava e a pátria perseguia. De nada lhe valeu, porém, pois o consideraram réu digno de pena por «herege luterano afastado da nossa santa fé católica», delito gravíssimo nessa época e nestas latitudes... Por isso a sentença caiu, dura e inexorável, sobre a cabeça encanecida e pelagrosa do velho escritor: condenado a cárcere penitencial perpétuo, foi-lhe indicado o mosteiro da Batalha para aí a cumprir.

Parece que dois anos depois já se encontrava em liberdade, talvez devida esta ao agravamento dos seus padecimentos, porque em Janeiro de 1574, dirigindo-se para o mosteiro de Alcobaça, morreu queimado numa estalagem a que se acolhera, por ter caído sobre o lume ao procurar aquecer-se, como escreveu um seu coevo, ou, segundo outros, assassinado por um serventuário para o roubar.

Tal foi o fim inglório e acabrunhante desse homem notável, verdadeiro português europeu, que depois de ter gozado a admiração e amizade de muitos dos mais notáveis espíritos do século de Quinhentos, veio morrer à pátria após uma perseguição que nada então justificava e hoje muito menos se justifica.

Provàvelmente, Senhoras e Senhores, debaixo daquela lápide já nada resta dos ossos desse homem que o grande Alberto Dürer retratou. Trezentos e noventa e um anos são tempo mais que suficiente para reduzir a pó os ossos de qualquer mortal, ainda que este fosse um Damião de Góis.

Embora! Que ao menos V. Ex.as, vindos aqui em romagem votiva, sirvam para atestar que no nosso século, apesar dos crimes odiosos que este tem testemunhado e, por um momento, fizeram evocar os do tenebroso Tribunal da Fé, ainda há lugar para prestar homenagem à memória daqueles homens que não passaram em vão por este mundo e se esforçaram, tantas vezes com sacrifício da liberdade ou da vida ou de ambas, por demonstrar que só na Liberdade é possível gerar-se a felicidade dos homens, porque só a Liberdade é criadora.

Evocando aqui recolhidamente a memória de Damião de Góis, pagam V. Ex.as uma parte da dívida que Portugal con-

Segue na página 7

PEDRO ÁLVARES CABRAL e a descoberta do Brasil

O nosso companheiro de trabalho, começou o seu discurso, que não foi lido, por dizer:

Pedro Álvares Cabral, todos o sabemos desde os bancos da escola, foi o descobridor do Brasil. Mas ainda que o feito que imortalizou o seu nome se tenha realizado no reinado de D. Manuel I, para podermos apreciar, em toda a sua plenitude, o valor extraordinário da descoberta do Brasil, necessário se torna, quanto a mim, dar uma breve explicação, recuar alguns anos atrás, à época desse extraordinário rei que foi D. João II.

O orador referiu-se à célebre bula do papa Alexandre VI, que surpreendeu D. João II e dava à Espanha a posse de todas as terras a sul e a oeste de uma linha traçada a 100 léguas a oeste dos Açores e Canárias. E prosseguiu:

Duas alternativas se ofereciam a D. João II para defender os interesses portugueses: a guerra ou as negociações. Hábil diplomata, preferiu as negociações. E com tal habilidade se houve esse extraordinário rei que conseguiu que aquela linha demarcatória fosse afastada de 100 para 370 léguas, pelo tratado de Tordesilhas.

Isto é a prova cabal não só do triunfo de D. João II mas de que os portugueses já tinham conhecimento dessas terras, porquanto nas 370 léguas já estava compreendido o Brasil.

Foi pois um grande triunfo diplomático de D. João II e a preparação do que viria a seguir-se no reinado de D. Manuel I, que, por singular capricho da sorte, veio a herdar tudo quanto foi extraordinária e maduramente preparado por D. João II.

Em 1497, do formoso Tejo um navegador português, Duarte Pacheco Pereira, partia com rota até certo ponto idêntica à de Vasco da Gama, que, nesse ano seguira para a Índia, mas afastando-se mais para oeste, o que veio dar a conhecer a existência das terras do Brasil, porque os portugueses chegavam a afastar-se 200 léguas do Cabo da Boa Esperança, e conheciam muito bem as correntes predominantes do grande Mar Oceano lá muito para o sul, onde as algas e restos de madeiras que constantemente apareciam, indicavam-lhes que próximo havia terras.

Regressa Vasco da Gama a Lisboa em 1499 com o caminho para a Índia descoberto e D. Manuel I prepara-se para tirar proveito dessa extraordinária descoberta e envia uma armada composta de 13 navios que tinha por missão ir à Índia, como embaixada do rei português, entrar em negociações com o Samorim. Confiou o comando dessa armada a Pedro Álvares Cabral.

Ignoram-se os motivos por que foi a este confiado o comando dessa armada, porque se sabe que quem traçou a rota que ele deveria seguir foi Vasco da Gama.

Cabral partiu oficialmente para a Índia, mas levava instruções secretas e na sua frota de 13 navios iam os mais hábeis pilotos da época: Bartolomeu Dias, Pero Escobar, Nicolau Coelho e Duarte Pacheco Pereira, o que havia ido já às costas do Brasil, além de muitos outros. Levava também como escrivão Pero Vaz de Caminha, o homem que escreveu a carta datada de 1 de Maio de 1500 que é considerado o documento número um, chamemos-lhe mesmo a certidão de idade do Brasil.

Foram a Carbo Verde e, um mês depois de terem partido de Cabo Verde, ou seja a 22 de Abril de 1500, avistaram terra pela primeira vez. Porque a Páscoa desse ano tinha calhado a 19 de Abril, 3 dias antes, logo os portugueses deram ao grande monte que avistaram o nome de Monte Pascoal e deram à terra o nome de Vera Cruz, que mais tarde veio a ser denominada Brasil, em virtude da cor da sua madeira chamada pau-brasil.

Estava pois descoberto oficialmente o Brasil.

Referiu depois a comoção que deveria ter sentido Cabral ao chegar a terras brasileiras e à missa que em 26 de Abril ali se rezou.

E continuou:

Os portugueses passaram ali uma semana encantadora, abandonando o Brasil a 2 de Maio de 1500, Cabral a caminho da Índia, a desempenhar-se da missão de embaixador junto do Samorim, e Gaspar de Lemos para Portugal a trazer a boa nova ao Rei.

Palestra de Luís Simões Aurélio, junto ao túmulo do grande navegador

Acerca de Álvares Cabral, embora se desconheçam as razões por que foi o escolhido para o comando da armada que descobriu o Brasil, sabe-se que era fidalgo de grande linhagem. Desde D. João I até D. Afonso V toda a sua ascendência é de homens extraordinàriamente votados à Pátria. Seu trisavô, alcaide-mor do castelo da Guarda, chamava-se Álvaro Gil Cabral.

Quando D. João I de Castela pretendia as terras portuguesas e, por ser casado com D. Beatriz, filha de D. Fernando, se sentia com direito à coroa, A'lvaro Gil Cabral levantou o seu pendão ao lado do Mestre de Avis. O filho deste, portanto o bisavô do grande navegador, Luís Álvares Cabral, foi companheiro do Infante D. Henrique e combateu na tomada de Ceuta. Fernão Álvares Cabral, o avô, combateu em Tânger e ali morreu em 1487. O pai de Alvares Cabral, também chamado Fernão A'lvares Cabral, foi companheiro de D. Afonso V em todas as guerras do Norte de A'frica,

Foram todos eles alcaides do castelo da Guarda e, o último, alcaide dos castelos da Guarda e de Belmonte, corregedor da justiça da Beira e de Riba-Côa e, com tal rigor aplicava a justiça que lhe estava confiada, que lhe chamavam o Gigante da Beira.

Era esta, pois, a ascendência varonil de Pedro Álvares Cabral, o Homem que imortalizou o seu nome como descobridor do Brasil.

Mas quem tem folheado a História, sabe quanto D. Manuel I era propenso a esquecer depressa os seus servidores. Cabral, depois do seu notável feito e de muitos outros que praticou na Índia, onde se desempenhou notàvelmente da sua missão, desafrontando o nome de Portugal, regressou ao reino e nunca mais o rei o utilizou. (E não foi só Pedro A'lvares Cabral: Duarte Pacheco Pereira morreu mesmo na miséria). Retirou-se para Santarém, onde tinha propriedades, sabendo-se, por documentos da época, que em 1509 já aqui residia.

Também se ignora o ano exacto do seu falecimento, que se situa, parece, no ano de 1520. Foi sepultado na Igreja da Graça, esta onde nos encontramos.

Em 1538, sua mulher, Isabel de Castro, promoveu a trasladação dos seus restos mortais de qualquer outro local desta Igreja para esta capela, como reza a inscrição que vou ler:

> «Aqui jaz Pedro Ávares Cabral e D. Isabel de Castro sua mulher, cuja é esta capela e de todos os seus herdeiros, a qual depois da morte de seu marido foi camareira-mor da Infanta D. Maria, filha do rei D. João, nosso senhor, o terceiro deste nome».

A título de curiosidade, mais alguns apontamentos de interesse histórico:

Em 1882, foi o túmulo aberto e encontraram-se 3 esqueletos. Em 1903 um advogado brasileiro, dr. Alberto de Carvalho, veio a Portugal com a missão carinhosa e piedosa de levar para o Brasil alguns restos mortais do descobridor. Foi nessa altura aberto o túmulo na presença de dois notáveis cientistas, o dr. Leite de Vasconcelos e o dr. José António Serrano. Todavia, não foi possível determinar com exactidão qual seria o corpo de Pedro A'lvares Cabral, embora se tenha calculado que era o maior que ali se encontrava.

Nessa altura o dr. Alberto de Carvalho, que trazia uma urna do Brasil, colheu alguns pedaços da terra veneranda que está aqui debaixo, levou-a para o Brasil e essa urna está inscrustada numa capela da catedral do Rio de Janeiro com uma legenda dizendo que contém resíduos mortais de Pedro A'lvares Cabral. Isso fez com que, mais de uma vez, a Imprensa brasileira pusesse em dúvida se era aqui ou lá que estavam os restos mortais do navegador. Mas não há dúvida nenhuma que é aqui que se encontra Pedro A'lvares Cabral.

Devemos valiosa contribuição para o esclarecimento de tal dúvida ao ilustre jornalista, dr. Arruda, director do «Jornal do Ribatejo».

Ao evocarmos aqui a figura de Pedro A'lvares Cabral, eu disse o menos que podia dizer sobre um dos grandes Homens que tornaram Portugal e o Mundo maiores.

Dos amigos de "Sempre Pronto"

DE VIAGEM — Em 3 de Junho corrente, partiu de avião para a Alemanha, de onde deve regressar no fim deste mês, o nosso estimado assinante Sr. Wolfgang Karl, membro da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

CASAMENTO — Em 9 de Maio passado, consorciou-se em Lourenço Marques o nosso estimado amigo Sr. José Reinaldo Soares Pinto, antigo escoteiro do Grupo n.º 53, a quem endereçamos os mais sinceros votos de muitas felicidades.











A excursão a Santarém

Seguimento da página 8

inscrever sócio do Fraternal, fazendo-lhe a entrega do respectivo emblema.

Terminada esta agradável reunião, e depois de uma breve paragem nas Portas do Sol, onde nos foi dado apreciar o vistoso panorama que se estende até onde a nossa vista pode alcançar, seguimos para Alpiarça onde visitámos a Casa-Museu dos Patudos.

A síntese de João Chagas, publicada no n.º 240 de «Sempre Pronto» dispensa-nos de comentar aquela maravilhosa mansão, recheada de raridades, que a sensibilidade artística de José Relvas soube juntar à sua volta, para seu recreio espiritual. Basta salientar que as dezenas de visitantes, desde o leigo ao conhecedor documentado, todos se sentiram maravilhados perante tão valioso património.

Antes de abandonarmos a Casa dos Patudos, o sr. Ribeiro Nunes entregou à sua conservadora um interessante pergaminho, a assinalar aquela visita, trabalho também executado pelo companheiro Humberto Martins.

Terminou, pois, em beleza esta magnífica excursão que «Sempre Pronto» teve a felicidade de proporcionar aos seus amigos, e o regresso a Lisboa, com breve paragem em Vila Franca de Xira, foi a consagração de uma jornada inesquecível, que todos desejamos tenha breve repetição.

Da organização não nos cabe falar, senão na medida em que devemos salientar a valiosa acção da Comissão de Patrocínio, que muito valorizou esta nossa iniciativa a que a Direcção da Fraternal ofereceu o seu prestigioso patrocínio.

Foi-nos grato recolher, de muitos dos presentes, as melhores impressões sobre a excursão. A falta de espaço não nos permite transcrevê-las na íntegra, limitando-nos a salientar algumas das mais expressivas.

● Eugénio Ribeiro Nunes

— Para nós, os antigos, que conhecemos como ninguém as dificuldades e aborrecimentos de qualquer obra escotista, os vinte anos de «Sempre Pronto» representam muito de esforço, de tenacidade e de luta.

Para fecho das comemorações não podíamos desejar melhor e, como Presidente da Comissão de Patrocínio, é agradável verificar a assistência que tivemos. A todos que nos deram a sua colaboração o meu muito obrigado, especialmente para aquele chefe respeitável que é Humberto Martins, pelo valor que pôs nos trabalhos que realizou.

Enfim, tudo isto foi uma mensagem que podemos endereçar aos outros daquilo que pode e deve fazer o Escotismo.

● Albano da Silva

— Mais uma vez as minhas felicitações ao «Sempre Pronto» pela passagem do seu 20.º aniversário. Vinte anos de forte e útil labor.

Felicitações aos organizadores da excursão que a todos deixou encantada pelo convívio e boa disposição que proporcionou.

A visita à Casa dos Patudos, desconhecida de grande número, merece realmente ser recordada e repetida.

● Brig.º Esteves Pereira

As minhas impressões não podem ser melhores. Foi um magnífico passeio muito bem organizado, em excelente camaradagem, como de resto é normal entre os escoteiros.

Foi um dia muito bem passado e até a Natureza esteve connosco, pois o dia, sem estar quente, esteve bastante agradável.

Só tenho pena que minha mulher, a primeira escoteira portuguesa, não tenha podido vir, por motivo de doença.

Peço-lhe que registe no jornal as saudações de minha mulher e a muita pena que ela teve em não poder estar presente neste passeio.

● Veloso de Lima

— Fiquei encantado com este passeio. Organização acertada, com perfeita orientação. Estou tão satisfeito que gostaria que o passeio se repetisse, considerando-me antecipadamente inscrito para nova excursão. Em nome da Direcção do Grupo n.º 93, de Sintra, saúdo «Sempre Pronto» e os organizadores.

● Pinto Júnior e esposa

Apesar de não ser escoteiro, há longos anos que aprecio e admiro o Movimento Escotista. Hoje tive oportuni-

Aspectos da sala onde, em Santarém, foi servido o almoço, durante a nossa excursão

Relações Internacionais

SEGUIMENTO DA PÁGINA 1

teiros, poderemos apresentar serviço prestado neste campo. Ainda no ano passado, escoteiros ingleses, que nos visitaram, voltaram para a sua terra louvando pùblicamente as qualidades surpreendidas no povo português, a despeito de maus avisos de que vinham prevenidos. Apesar do Escotismo não ter na península largo desenvolvimento, através dele têm-se entretecido relações e amizades entre escoteiros das duas nações ibéricas, que não deixariam de exercer profunda influência nas relações dos dois povos se o Escotismo tivesse em ambos países maior difusão.

O Desporto é, talvez, depois do Escotismo o movimento que mais tem contribuído para a promoção de contactos entre jovens de diferentes nacionalidades e inegàvelmente tem prestado serviços preciosos na aproximação dos povos. Verificamos, todavia, que o desporto profissional, particularmente o futebol, não está servindo esta finalidade e está longe de contribuir para a amizade. É certo que os desportistas estrangeiros que nos visitam são aqui recebidos com fidalguia que consegue superar o calor e a rivalidade dos prélios, mesmo quando estes se não disputam com inteiro brio desportivo. O mesmo não tem acontecido lá fora. Adeptos de um clube português que o acompanharam a uma nação vizinha foram ali recebidos com hostilidade, acolhidos com impropérios, com atentados a viaturas, com manifestações de desagrado até nos hotéis, isto numa nação que sabe acolher os seus visitantes com galhardia. Em Milão, o jogo entre ingleses e italianos foi espectáculo vergonhoso e os britânicos, dentro e fora do campo, sofreram toda a sorte insultos e até agressões, acolhimento que de forma nenhuma poderá ter contribuído para a amizade entre os dois povos. Nestes encontros, em vez de se procurar o que possa unir, busca-se àvidamente aquilo que pode distinguir as duas nacionalidades, faz-se aflorar todas os ressentimentos acumulados através da história e lança-se à cara do adversário todas as injúrias. Estas relações colocam-se portanto no pólo oposto daquelas que preconizamos e só podemos considerá-las tristemente funestas para a causa da compreensão entre os povos.

Continuamos a defender a necessidade de boas relações mundiais, especialmente aquelas em que possam tomar parte os jovens. Há que aproveitar o turismo, o desporto, a cultura, as artes, tudo quanto possa contribuir para a aproximação dos povos, mas parece-nos também que há alguma coisa a fazer para evitar encontros que possam degenerar em hostilidade, despertar antagonismo e rivalidades históricas. O programa de acção para todos os contactos internacionais é exactamente aquele que nos é sugerido pela visita à Alemanha da soberana britânica. Há que buscar tudo que possa ser construtivo e contribuir para congraçar. Os jamboris escoteiros, as conferências mundiais do nosso Movimento, toda a nossa gama de relações internacionais e ainda o devotado amor à pátria que fomentamos, bem pode colocar-se como padrão das mais úteis relações universais.

E. R.

dade de estabelecer um contacto mais íntimo com antigos escoteiros, neste passeio que recordarei pela vida fora, pelo que representou de convívio afável entre todos os componentes. A recordação que minha mulher e eu levamos é daquelas que não se esquecem.

A esposa do sr. Pinto Júnior coube, por sorteio realizado entre os participantes, uma lembrança deste passeio, que a deixou muito satisfeita:

— Fiquei muito contente e levo a melhor recordação deste passeio. Ambiente agradabilíssimo, convívio muito simpático.

● Alfredo Gallis

— Gostei muito. O convívio foi muito agradável. Apreciei imenso a Casa dos Paludos, que não conhecia. Tudo decorreu da melhor maneira, num agradável convívio com companheiros, alguns dos mais antigos, e com um número de participantes nunca atingido até agora.

● Luís Simões Aurélio

Pode dizer-se que tudo tem sido magnífico. Foi uma excursão com princípio, meio e fim, visando não só a parte recreativa mas também a cultural, que foi integralmente cumprida.

«Sempre Pronto» bem merece que todos nos sintamos satisfeitos e merece também esta manifestação, porque ele é o elo da forte cadeia que une todos nós, Escoteiros antigos e actuais.

M. G.

O que fica de um Jambori...

O segundo jambori mundial efectuou-se na Dinamarca em 1924, há 41 anos! Parece que os ecos dessa grande reunião de escoteiros se deveriam já ter extinguido. Se se falasse do Jambori da Dinamarca seria apenas por simples referência histórica. Os Jamboris, porém, deixam sulco profundo na alma da juventude escoteira e permanecem como inspiração de amizade.

Carta recente da Dinamarca contava este curioso episódio:

Em 1924 esteve no jambori da Dinamarca um jovem escoteiro japonês que aproveitou a oportunidade para se deslocar a Odense a fim de visitar a casa onde vivera Andersen, mas ficara decepcionado pelo estado de abandono em que encontrara aquilo que entendia dever constituir um centro de romagem de todos aqueles que amam as coisas do espírito. E o nosso jovem não hesitou em revelar o seu desapontamento na Imprensa. Talvez por isso, e também porque os dinamarqueses se interessaram mais pela notável obra de Andersen, aquela casa foi mais tarde reconstruída e cuidada de forma a ser digna de constituir merecida homenagem ao grande poeta e contista.

Agora, a rádio dinamarquesa entrevistou uma individualidade japonesa, que, respondendo às perguntas na língua de Andersen, revelou que no Japão existe hoje também uma Casa dedicada a homenagiar o grande escritor dinamarquês.

E sabem quem era a individualidade japonesa entrevistada? Exactamente o jovem escoteiro que, em 1924, estivera no jambori e ficara preso da cultura da Dinamarca e da amizade por aquele país.

E a carta, escrita a um escoteiro português que também esteve naquele jambori, termina com o pertinente comentário: *Como vê há pelo menos um outro escoteiro, além de você, que continua em relação com a pátria de Andersen como fruto do jambori.*

Nós permitimo-nos perguntar: Quantas e quantas relações de amizade, do mesmo valor e ao mesmo nível espiritual, terão fomentado os onze jamboris mundiais até agora realizados?

A Fraternal organiza uma excursão às Caldas da Rainha

Os antigos escoteiros e suas famílias vão ter mais uma excelente oportunidade de confraternização, com a interessante excursão que a Fraternal leva a efeito no próximo dia 4 de Julho, que tem o seguinte itinerário: Lisboa (partida às 07.30 horas), Torres Vedras, Óbidos, Caldas da Rainha, Rio Maior e Lisboa (chegada às 23.00 horas).

A avaliar pelo entusiasmo que despertaram em grande número de companheiros as excursões realizadas por «Sempre Pronto», muitos dos quais manifestaram o desejo de continuidade de tão agradáveis reuniões, esta actividade da Fraternal não deixará de reunir um elevado número de companheiros desejosos de conviver com os seus camaradas dos «velhos tempos».

Do aliciante programa, destacamos o interesse da visita à histórica vila de Óbidos e o almoço de confraternização, desta vez realizado no Parque Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha.

O ambiente já tradicional das excursões de antigos escoteiros é garantia suficiente de que o passeio que agora se realiza constituirá mais uma jornada de são companheirismo.

Os órgãos de informação e «Sempre Pronto»

«Jornal do Ribatejo» importante semanário de Santarém deu o melhor acolhimento à excursão de «Sempre Pronto», fazendo-lhe larga referência nas suas colunas. Um membro do seu corpo redactorial acompanhou-nos nas visitas a Santarém e Alpiarça, dispensando-nos uma atenção que muito nos sensibilizou.

Também o «Correio do Ribatejo» se referiu à nossa excursão.

Cumprimentamos estes nossos colegas da imprensa ribatejana e agradecemos.



Dr. Raul Valentim Lourenço

Em 26 de Maio passado, faleceu na sua residência em Lisboa, na Rua das Amoreiras, 128, 2.º, este nosso estimado amigo, assinante patrocinador do nosso jornal, que foi director da Escola Comercial Veiga Beirão, tendo merecido sempre a estima dos seus alunos pelo alto sentido educativo e pedagógico que soube imprimir à sua acção.

O sr. dr. Valentim Lourenço foi presidente da direcção do extinto Grupo n.º 25, anexo àquela Escola, de que era chefe o sr. dr. Fausto Salazar Leite, tendo depois e por volta de 1929 pertencido à Direcção-Geral dos Escoteiros de Portugal, ficando sempre um admirador do Escotismo.

O seu funeral realizou-se no dia 27 para o cemitério da Ajuda, tendo-se incorporado no préstito elevado número de pessoas de todas as categorias sociais.



Acampamentos de Formação no Núcleo de Sotavento do Algarve

Com o fim de estimular, através de mais contacto entre si e trabalho de conjunto, a actividade nos Grupos, promoveu o Núcleo de Sotavento do Algarve a realização de quatro Acampamentos Experimentais de Formação, com elementos escolhidos de cada Grupo, o primeiro dos quais decorreu com integral aproveitamento em 24 e 25 de Abril, no Mato Joinal, entre Faro e Olhão, a cargo do Grupo n.º 6. Os seguintes foram em 22 e 23 de Maio, junto a Monte Gordo, a cargo do n.º 60, em 19 e 20 de Junho, no Montenegro, sob a égide do Grupo n.º 77, e em 17 e 18 de Julho, na Ilha de Tavira, ao cuidado do n.º 59.

A Chefia de Campo de cada actividade é desempenhada pelo dirigente do Grupo a quem a mesma actividade corresponde e que através do respectivo programa, parte do qual é da sua exclusiva competência, tem ensejo de aperfeiçoar as qualidades de chefia.

Aos escoteiros intervenientes procurou-se facultar programa com matéria acessível, dado o carácter formativo dos acampamentos, estabelecendo-se temas obrigatórios para a execução de redacções a apresentar em cada acampamento, os quais no primeiro abordaram os artigos da Lei, e nos restantes dirão respeito ao programa geral da 2.ª classe, ao da 1.ª classe, e ao Escotismo como meio de educação.

O autor do melhor conjunto de redacções terá como prémio um artigo de equipamento individual, o mesmo ocorrendo ao autor do melhor conjunto de relatórios sobre as quatro actividades previstas.

Como incentivo às qualidades literárias dos seus autores, «Sempre Pronto» inserirá, a partir de hoje, sem assinatura mas numeradas, algumas das redacções que forem sendo apresentadas, agradecendo aos leitores o envio para a Redacção do nosso jornal de um postal mencionando o número do trabalho a que derem preferência.

1

Os chefes que há mais de 50 anos estudaram os 10 artigos da Lei que havia de servir como catecismo aos Escoteiros de Portugal, foram muito felizes e pensaram com certeza muito bem quantos rapazes poderiam aproveitar a doutrina desses 10 artigos, tão completos entre si e que nos dizem quanto de bem um homem pode fazer.

Nos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º artigos, demonstramos verdade, lealdade, prestabilidade e amizade. Que falta aqui para a boa preparação de qualquer de nós, que somos e queremos continuar a ser escoteiros? Mais adiante encontramos a necessidade de ser cortês, de ter civismo para com os da nossa idade e mais velhos e mesmo para com os animais e plantas, porque civismo e cortesia são preparados que não devem faltar a quem deseje ser alguém.

Disciplina é condição necessária e mesmo a brincar se pode tê-la. Por isso os nossos chefes nos preparam brincando connosco, sem deixar de dar-nos disciplina para os nossos actos e obrigando-nos assim a compreendê-los.

2

O Escotismo é para o escoteiro os melhores passos da sua vida. O aspirante treina-se com os escoteiros, aprende a fazer macas, nós, transmissões, etc., aprende o que significa a bandeira nacional e a Lei do escoteiro. E assim, trabalhando com força de vontade, acaba por vir a tornar-se num autêntico escoteiro, amigo dos seus amigos e de todos, verdadeiro, sabendo ser bom companheiro, bom filho e pessoa de palavra, tudo dentro do espírito da sua Lei.

Ao realizar o seu Compromisso de Honra, pensa já no que deve fazer no sentido de melhorar a sua vida e nisto é auxiliado pela Lei, auxiliando o semelhante, sendo bem criado e sabendo ser cortês para com todos, não maltratando animais nem plantas, não desanimando perante qualquer dificuldade, respeitando os bens dos outros e fazendo boas acções.

Com tudo isto não digo que um escoteiro seja um santo e *não parta um prato*, mas muito ajudado será não faltando à sua Lei.

3

A Lei indica-nos o caminho para a Vida e para a solução dos nossos problemas e, se os homens a seguissem, o mundo seria muito melhor. A Lei diz-nos que não devemos maltratar seja quem for e também nos diz que não devemos praticar más acções nem ter maus pensamentos, ajudando o próximo em todas as circunstâncias. Ensina-nos a respeitar o próximo como a nós próprios, a ser verdadeiros, a não faltar à nossa palavra, a ser leais e ter cortesia. Todos os que seguirem a Lei serão bons escoteiros.

4

A Lei do escoteiro é muito boa, pois ensina-nos a ser verdadeiros e a ter uma só palavra, a ser leais e amigos de todos, a ser dedicados, bons e obedientes e ainda a ser económicos e puros tanto nos pensamentos como nas acções. E se nós cumprirmos conforme a Lei do escoteiro nos diz, aprenderemos a respeitar e seremos também respeitados.

N. da R. — *Pedimos aos nossos estimados leitores para corresponderem ao apelo do Chefe do Núcleo do Algarve, enviando o postal com o parecer pedido. Tal manifestação de interesse irá constituir certamente um forte estímulo para o Escotismo no Algarve. Contamos particularmente com a presença de tantos antigos escoteiros dos grupos do Algarve, hoje espalhados por todo o país.*



Uma página de memórias

Quando Gaspar Meireles deixou, devido à aposentação, as lides jornalísticas, logo apareceu um repórter a entrevistá-lo.

— Desculpe, amigo, — retorquiu Meireles — mas o senhor apareceu inesperadamente e eu tenho de ir agora ao meu sindicato tratar de um assunto urgente. Outro dia, serei pormenorizado.

— Mas, senhor Meireles, porque não conta apenas um episódio? É que, compreende, é triste que eu regresse à redacção com as mãos a abanar.

— Bom. Vá lá isso. Já sei o que são essas coisas, meu amigo. Pois então vou contar-lhe uma pequena històriazinha.

Ouvido com o maior interesse, o velho jornalista começou:

— Há muitos anos, contava eu os meus quinze, costumava, por curiosidade, ir até à redacção de um jornal literário, a fim de praticar em revisão. Certo dia entregaram-me uma página, composta de quatro continhos, para rever. Os contos traziam uma assinatura de que ainda me recordam os apelidos Amaral Gorgel. Ora, eu lembrava-me, perfeitamente, de ter lido aqueles continhos num livro de leitura destinado a instrução primária do Estado de S. Paulo, no Brasil.

O senhor Meireles fez uma pausa.

— E depois? — perguntou o repórter, vivamente interessado.

— Depois, chamei a atenção para o facto, mas dada a minha idade, não me tomaram a sério. Podia lá ser aqueles quatro continhos terem sido publicados num livro brasileiro... Coisas do Meireles... E as historietas vieram publicadas com a autoria do tal Amaral Gorgel. Mas eu não me dei por vencido. E, pensando bem, lembrei-me de que uma pessoa amiga do Brasil me havia oferecido, anos antes, esse livro. Eu, há cerca de seis meses, tinha dado esse livro a uma pequena de dez anos, pertencente a uma família amiga. Dias depois, fui visitar essa família e perguntei à pequena: *Leonor, tu deste a alguém aquele livrinho brasileiro que eu te ofereci?*

— Já estou a perceber, senhor Meireles, que o livro tinha outra vez mudado de dono, — observou, risonho, o repórter.

— Nem mais. Leonor ficou um tanto ruborizada e respondeu que o tinha oferecido à irmã quando ela tinha feito doze anos. Então, pedi à Leonor que me dissesse se conhecia algum rapaz chamado

Calendário de Julho

Dia 8 — 31.º aniversário do Grupo n.º 94 — Lisboa.

Dia 15 — Aniversário do Grupo n.º 79 — Lisboa.

Dia 16 — Aniversário do Grupo n.º 16 — Carcavelos.

Discurso do Prof. Álvaro Dória

Seguimento da página 2

traiu para com o grande homem, o que muito me apraz louvar, associando-me do coração a este acto por ser um acto dignificador e humano. Cumprimos um dever e demos uma lição. É quanto basta, por ser um nobre exemplo.

ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA

Amaral Gorgel. Ela respondeu-me que não, mas que ia perguntar à irmã, que morava com outra família — elas eram órfãs de pai e mãe. Dias depois, disse-me que sim, que a irmã havia emprestado o livro a um rapaz com os tais apelidos. Daí a uma semana, tinha novamente em meu poder o tal livro. Corri à redacção e exclamei: *Eu não lhes dizia que os contos eram plagiados? Aqui está o livro brasileiro, façam favor de ver...* Claro está que nunca mais puseram em dúvida as minhas afirmações. De outra vez...

— Outro episódio, senhor Meireles?

— Sim, mas por hoje acaba... Deram-me, daí a dois meses, no mesmo jornal, para rever, uma poesia. Por baixo, vinha assinado um nome qualquer. Observei imediamente: *Outro plágio. Estes versos são da autoria de Henrique O'Neill, visconde de Santa Mónica.* Os redactores entreolharam-se. Um deles encolheu os ombros. Que nunca tinha visto tal poesia. Por felicidade, havia ali perto uma livraria. Pedi uma selecta de português e lá vinham os versos. Ainda hoje me lembro do título: *Os ladrões e o burro.* Trouxe a selecta e mostrei-a aos redactores. Lá estava a poesia com o nome, claro está, do verdadeiro autor. E como o jornal já tivesse a composição pronta, e representaria muito transtorno retirar aquela poesia, resolveu-se publicá-la...

— O quê? — indagou o repórter, como se não compreendesse bem as palavras do Gaspar Meireles. — A poesia foi publicada?

— Está visto que foi, — retorquiu Meireles, rindo a bom rir. — Publicou-se a poesia, mas assinada pelo seu verdadeiro autor, Henrique O'Neill, visconde de Santa Mónica. Calcule, amigo, a cara com que ficaria o autor da cópia...

MANUEL FERREIRA

Texto do pergaminho oferecido pela Fraternal a "Sempre Pronto"

Vinte anos de Jornalismo, representa um somatório de dedicações e sacrifícios que poucos sabem compreender. Mas, vinte anos de Jornalismo, de *Jornalismo Escotista*, com verdade, com altruísmo e com um método de lealdade, é sempre mais difícil de o exercer.



O nosso estimado amigo, sr. Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, faz entrega da placa com que aquela instituição distinguiu o nosso jornal.

Sempre Pronto, frase altaneira, que muito poucos, sem quaisquer interesses, se predispõem a *Servir*. O que de belo e fascinante se pode esperar da Humanidade, essa Humanidade tão sofredora, mas sempre altaneira, é o muito querer à *Pátria*, a este *Portugal*, que tendo sulcado Mares nunca dantes Navegados, deu ao Mundo a lição mais sublime: O Amor, a compreensão entre os Homens de boa vontade!

E tudo isso o têm feito os *Escoteiros de Portugal*, e por tal, ao se encerrar os *20* anos da comemoração do Jornal *Sempre Pronto*, saudamos com amizade, saudamos com simpatia a rota honesta que os seus timoneiros traçaram, com honra e glória, não sem que tivessem de arrojadamente atravessar a maré das Tormentas!

Preste-se Justiça à Verdade; renda-se culto a Deus, pelo que nos permitiu realizar e conscientes do Dever cumprido, ajoelhamo-nos, humildes e servos, com uma súplica:

Por Portugal! Pela sua Juventude... Viva Portugal!...

Santarém, 16 de Maio de 1965.

Há vinte anos

Sob o título das presentes linhas, publica *Sempre Pronto* de Maio uma local que se refere à reorganização dos grupos 64 e 65, de Lagos e Portimão, reorganização que, até hoje, não teve lugar, talvez pelas múltiplas organizações criadas para a juventude, cujos resultados práticos falham de verdade.

Em Lagos, quer desportiva, quer culturalmente, não consta algo digno de registo. Convencidos estamos que, criado um grupo de escoteiros como outrora existiu chefiado pelo capitão Francisco dos Reis Pio, a juventude poderia, através do contacto com a natureza e pela prática de boas acções, formar-se para servir a Humanidade.

Mas onde estão os homens capazes de se dedicarem à formação de um grupo de escoteiros, contando de antemão com a relutância das organizações com pouca ou nenhuma actividade, mas que, tendo criado raízes, se fixaram de tal forma que vivem mesmo sem água?

Conhecemos um homem em Lagos com qualidades para chefiar um grupo de escoteiros: o sr. Dario Barroso. Mas estará ele disposto a assumir tal encargo?

Os rapazes de Lagos estão muito distribuídos por actividades inactivas, mas mesmo assim, talvez fosse possível formar um grupo. A consulta fica e se a resposta for positiva o signatário prestará a Dario Barroso o auxílio possível.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 242 ★ JUNHO de 1965

O «Sempre Pronto» encerrou com chave de ouro as comemorações do seu 20.º aniversário

A excursão a Alenquer, Santarém e Alpiarça

Graças à presença de muitos dos nossos amigos e à excelente colaboração que nos dispensaram a Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros e a Comissão de Patrocínio que em boa hora escolhemos, o nosso jornal fechou com chave de ouro as comemorações do 20.º aniversário ao promover uma excursão a Alenquer, Santarém e Alpiarça que foi, para além de uma inesquecível manifestação de simpatia pelo nosso jornal e de apoio à nossa obra, uma jornada magnífica de são companheirismo e de verdadeiro espírito escoteiro.

Em dois autocarros e oito automóveis, num total de cerca de 140 pessoas, entre as quais alguns escoteiros, que se deslocaram, mercê de um interessante gesto dos antigos escoteiros, a caravana de «Sempre Pronto» foi uma nota alegre por essas terras soalheiras do Ribatejo.

Com pontualidade digna de assinalar-se, partimos de Lisboa naquela radiosa manhã de sol, com a despreocupação própria de quem tratou de tudo com a necessária antecedência. Um só cuidado: sorrir, conviver, acamaradar, recordar os velhos tempos do Escotismo e quanto nos ensinou de tolerância e são cavalheirismo.

Chegámos depressa a Alenquer, onde nos aguardava, rodeado de simplicidade e digna modéstia, que só os verdadeiramente grandes procuram, esse enorme português, espírito forte de «antes quebrar que torcer», que honrou a Pátria e nos legou tão elevado património moral — Damião de Góis.

Junto ao túmulo do grande cronista, o nosso Director leu um brilhante trabalho do sr. Prof. António Álvaro Dória, que inserimos noutro local.

Em Santarém, a caravana visitou a igreja da Graça e ali, junto do túmulo de Pedro Álvares Cabral, o companheiro Luís Simões Aarélio, com o brilhantismo a que nos já nos habituou, falou sobre aquele grande português e o seu glorioso feito, a descoberta do Brasil.

Realizou-se o projectado almoço de confraternização, que decorreu com animação e no mais elevado espírito escotista.

Após o repasto, o nosso Director desobrigou-se da missão que se lhe impunha agradecendo comovidamente, em nome de todos os que trabalham em «Sempre Pronto», as provas de simpatia e de franca amizade de que este jornal tem sido alvo ao comemorar o 20.º aniversário.



Em Alenquer, junto da igreja onde se encontram depositados os restos de Damião de Góis, o Director de «Sempre Pronto» lê o discurso do nosso distinto colaborador Prof. A. Álvaro Dória

Distinguiu, ainda, a Direcção da Fraternal e os elementos que constituíram a Comissão de Patrocínio pela colaboração que tornou possível uma jornada tão agradável.

Falou a seguir o companheiro Eugénio Ribeiro Nunes que, na qualidade de Presidente da Comissão de Patrocínio, saudou a Direcção da A. E. P., representada pelo respectivo secretário, sr. Albano da Silva, e a Fraternal dos Antigos Escoteiros e teve para com o nosso jornal palavras de muita amizade e apreço, acabando por oferecer a «Sempre Pronto» uma expressiva mensagem em pergaminho, obra do artista sr. Humberto Martins, Presidente da Fraternal.

O Presidente da Fraternal saudou igualmente «Sempre Pronto», salientando a comparticipação deste jornal para a criação daquela agremiação, entregando ao nosso Director uma placa, como homenagem da Fraternal.

O Director da Fraternal referiu-se ainda a uma reunião de escoteiros do C. N. E. na mesma cidade e salientou a presença do antigo Escoteiro da Pátria, sr. João dos Santos Cavaco, industrial e residente em Santarém, que acabava de se

Segue na página 4

Concurso "Valores Humanos"

FIGURA N.º 4



Este grande comediógrafo nasceu em Paris, em 1622. Muitos consideraram-no o maior autor cómico de todos os tempos.

Tendo decidido seguir a carreira artística, fez-se director de uma companhia de teatro, com a qual percorreu todas as províncias de seu país.

Regressando a Paris, este grande escritor teatral exibiu-se, com a sua companhia, perante a corte, tendo grangeado a simpatia e protecção do rei.

Foi este escritor que deu alma à comédia de costumes, satirizando, com destemor, certas tendências e preconceitos irrisórios da sociedade de então.

Nas suas peças imortais, este comediógrafo ataca e condena a impostura, o pretensiosismo e a hipocrisia, o que permite que o classifiquemos como um homem digno de admiração e um escritor de grande actualidade.

Morreu, em Paris, em 1673, vítima de uma doença pulmonar. Os seus inimigos, aqueles cujas deformações morais ridicularizava e condenava nas suas peças, apesar de muito o terem perseguido em vida, não aplacaram o furor após a sua morte, pelo que este grande homem de teatro foi sepultado quase clandestinamente, proibidas que foram as manifestações públicas. Desconhece-se hoje onde se encontram os seus despojos mortais.

Obras principais: «Escola de Mulheres»; «Sganarelo»; «O Médico à Força»; «O Avarento»; «O Burguês Fidalgo»; «O Doente de Cisma»; «O Misantropo»; «Os Importunos»; «Jorge Dandino»; «Artimanhas de Scapino», etc.

ATENÇÃO! A resposta a esta nótula biográfica pode ser-nos remetida até final do mês de Julho, p. f.

ASSINANTES PATROCINADORES

Uma nova assinante, Sr.ª D. Maria do Carmo Martins, que foi proposta pelo nosso amigo Sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, escreve-nos gentilmente a remeter a importância da assinatura e a dar a sua adesão à categoria de Patrocinadora, expressando ainda o seu apreço pelo «S. P.». Muito obrigado.